



# Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

# **Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino**

**Atena Editora  
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /  
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-15-4  
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine  
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.<sup>a</sup> Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i> <i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i> <i>Taciana Pontual Falcão</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i> <i>Osimara da Silva Barros</i> <i>Najara Santos de Oliveira</i> <i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>103</b>
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva Leila Adriana Baptaglin</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa Márcio Lima de Aguiar</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos Ursula Rosa da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>149</b>
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale Eric Vagner de Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego Adriana Costa Rego</i>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>194</b>
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>204</b>
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>223</b>
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>257</b>
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>267</b>
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>278</b>
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>288</b>
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>299</b>
MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL:CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN	
<i>Jailson Valentim dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>314</b>
A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	
<i>Adriano Moraes de Freitas Neto</i>	
<i>Gilberto Andrade Machado</i>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>324</b>



## RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTISTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES

### Laura Paola Ferreira

Mestrando em Ensino de Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Ensino Fundamental da Prefeitura de Belo Horizonte. E-mail: laurapaola1@yahoo.com.br.

### Fabrcio Andrade

Doutor em Arte em Arte e Tecnologia da Imagem na Universidade Federal de Minas Gerais. Professor no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: andrade1111@yahoo.com.br.

**RESUMO:** O presente texto discute a *experiência artística* como fator de importância para o aprendizado nas aulas de Arte. Dialoga com os autores como Barbosa (1998), Dewey (2010), Freire (2003), Larrosa (2002), Morin (2003), Maturana (2009) e Pimentel (2013). A *experiência* é aqui compreendida como ação e como troca de vivências que propiciam o aprendizado do educando. Entende-se que o educador conduz o processo de ensino/aprendizagem e auxilia o educando nos caminhos para a *experiência* nas aulas de Arte. É pela *experiência* que o educador cria métodos, no sentido proposto por Morin (2003), de ensino, de forma a caminhar junto com o educando, na construção do conhecimento em Arte. O autor reconhece também que os estudantes criam pertencimento ao conhecimento quando

associam o conteúdo como parte do seu cotidiano. O desenvolvimento da proposta foi realizado na Escola Municipal Josefina de Sousa Lima localizada no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte/MG, com os estudantes do terceiro ciclo de ensino, dos 7º e 9º anos. Tem como ponto de partida, o estudo dos Artistas contemporâneos John Ahearn e Rigoberto Torres, com a criação de máscaras em atadura gessada. A *Experiência* no campo do Ensino da Arte tem sido muito discutida e tem desvendado muitas possibilidades no ensino da Arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência. Ensino de Arte. Arte Contemporânea.

### INTRODUÇÃO

Este relato é um recorte das *experiências* vivenciadas na pesquisa do mestrado profissional PROFARTES/EBA UFMG. Um dos temas é a criação de máscaras em atadura gessada a partir do estudo dos artistas contemporâneos John Ahearn e Rigoberto Torres. A proposta foi realizada na E.M Josefina de Sousa Lima, localizada em Belo Horizonte, no bairro Primeiro de Maio. Para a elaboração teórico-metodológica, foi feito um levantamento bibliográfico com os autores Barbosa (1998), Dewey (2010), Morin (2003), Larrosa (2002),

Maturana (2009), Pimentel (2013) entre outros. As anotações foram realizadas no diário de bordo do educador. Tais anotações tem como intuito levantar discursões sobre a *experiência* significativa nas aulas Arte e, conseqüentemente, no contexto escolar.

As pesquisas no Ensino de Arte têm nos mostrado a importância de se estimular *experiências* que tenham sentido para os educandos. Barbosa (1998), ressalta a importância de relacionar o conteúdo com o dia-a-dia dos educandos. O estudante ao perceber uma proximidade do conteúdo com o seu cotidiano, sente-se mais seguro, aberto as novas *experiências*. Para Barbosa (1998), a *experiência* estética, só é *experiência* quando unifica ações. E fazem parte dessas ações, diálogos entre educador/educando e trocas das vivências ao longo do caminho.

## CONSTRUINDO OS SABERES DA EXPERIÊNCIA NAS AULAS DE ARTE

A artigo surge do interesse em compreender a *experiência* artística como um dos pontos primordiais para o aprendizado em Arte. Para Larrosa (2002), a prática cria uma reflexão emancipadora, que possibilita um pensar, e um existir, de uma educação que gera uma *experiência* com sentido ao educando. A *experiência* no campo da Arte é imprescindível para a construção do saber artístico. É pela *experiência* que o educador cria métodos de ensino, de forma a caminhar junto com o educando no aprendizado de Arte. Entende-se por *experiência*, a partir de apontamentos de Dewey (2010), a relação de troca entre o indivíduo e seu desejo de saber e como essas instâncias se relacionam no dia-a-dia.

A construção de conhecimento em Arte por sua vez, pode ser entendida como a *experiência* com sentido estético<sup>1</sup>. Para Dewey (2010), a Arte proporciona a *experiência* estética, quando construída com as interações e com as vivências que fazem parte do cotidiano.

As construções expressivas nas aulas de Arte podem gerar *experiências* com importância para o educando. As trocas, as reflexões e os registros propiciam o diálogo do estudante com o mundo. Segundo Hissa (2003), a construção do pensamento se relaciona ao sentir e relaciona-se com o mundo, pois, “A experimentação do mundo precede a razão. Adiante, mais do que isso: a razão é feita da experimentação do mundo e o pensamento é feito do sentir. Ser afetado pelo mundo, portanto, é pressuposto, da construção do pensamento” (HISSA, 2003 p.20). Nesse sentido, *experimentação* é segundo Dewey (2010), é algo vivo que se relaciona com o meio cultural do sujeito, é a interação do sujeito com o meio social. Os diálogos, as reflexões e as trocas experienciadas nas aulas de Arte, permitem uma abordagem metodológica, a partir do reconhecimento das vivências do educando. Segundo Tomasello (2003), o

<sup>1</sup> Segundo Dewey (2-10, p.98 e 99), “A palavra “estética” refere-se, como já observamos, à experiência enquanto apreciativa, perceptiva e agradável. Portanto, vê-se que a experiência estética – em seu sentido limitado – está inerentemente conectada com a experiência do fazer”.

conhecimento relaciona-se aos produtos historicamente produzidos pelo grupo social. O educador que respeita e leva em consideração as vivências sociais e culturais dos educandos proporciona a *experiência* cognitiva em Arte. Para Pimentel (2013), a cognição é uma construção culturalmente corporizada por meio de *experiências* que interagem com o meio social do educando, com sensibilidade estética e com a percepção no pensamento artístico.

As aulas de Arte propiciam *experiências* estéticas aos educandos que ao sentirem-se envolvidos pelo conteúdo experienciado ressignificam os contextos sociais, culturais e familiares, expressando-se na criação artística. Para Barbosa (1991), o educador tem importância fundamental no processo de aprendizado nas aulas de Arte. A autora aponta que o conteúdo artístico pode abarcar significados do cotidiano escolar e da vida dos estudantes. Cabe ao educador, como mediador dos processos de ensino, acompanhar os estudantes nos caminhos para o aprendizado em Arte e respeitar os tempos de criação de cada um. A criação artística acontece de forma singular e os resultados se diferem de sujeito para sujeito, pelas bagagens individuais advindas fruída de várias maneiras, pela visão de cada sujeito, a partir das *experiências* individuais e coletivas vivenciadas.

Em consideração as colocações acima, levanta-se as seguintes questões: São inúmeros os caminhos para se chegar à *experiência* no ensino de Arte? Há saberes importantes para se chegar à *experiência* no Ensino de Arte? É possível, realizar *experiências* nas aulas de Arte? Para se chegar a *experiências* artísticas nas aulas de Arte os estudantes precisam de métodos (visto aqui como *caminhos*) claramente definidos? Ou estes caminhos podem ser construídos ao longo dos processos de ensino/aprendizagem?

## **RELATO DE EXPERIENCIA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A EXPERIÊNCIA NAS AULAS DE ARTE**

A *experiência* estética, de acordo com Dewey (2010), é um conjunto de interações entre o sujeito e o meio sócio/cultural do indivíduo de forma consciente e direcionada ao fazer artístico, “Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a *experiência* é a arte em estado germinal (DEWEY,2010, p. 84). Para Dewey (2010),

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos (DEWEY 2010, p.23).

A construção das aulas se iniciam com diversas formas de proximidade entre

o educador e os educandos, nos laços afetivos construídos no cotidiano escolar. O relato aqui exposto é uma relação de confiança durante os três anos lecionados na escola E.M Josefina de Sousa Lima. Os primeiros contatos com os estudantes foram de estranhamento e conflitos diários, que consistiam na insegurança dos estudantes aos novos caminhos direcionados pela educadora. Os estudantes testavam o tempo todo o papel da educadora com perguntas fora do contexto das aulas, enfrentando de forma agressiva e até com recusa em fazer algumas atividades. A educadora procurou estabelecer uma relação de troca mútua, quando proporcionava-se um espaço para os diálogos e reflexões em suas aulas. Ao observar a turma, percebeu que os estudantes necessitavam criar laços afetivos e usar a linguagem do dia-a-dia para que os educandos confiassem no trabalho desenvolvido em sala. Aos poucos a confiança e o respeito passaram a ser componente primordial nas aulas de Arte. Os combinados, até hoje são feitos diariamente, os diálogos são direcionados de forma que os estudantes sintam-se parte do ensino e dos caminhos percorridos para o aprendizado. Os estudantes dessa escola em particular, sentem a necessidade de entender os objetivos e os direcionamentos das aulas. Talvez, seja algo particular da E.M Josefina de Sousa Lima. Não existem cartilhas ou receituários para conquistar a confiança e o desejo dos educandos no aprendizado em Arte. Ainda tem muito para se conhecer sobre os estudantes e seu desenvolvimento cognitivo no aprendizado em Arte. Na caminhada ao aprendizado e à *experiência* artística, o educador pode conhecer seu educando por suas expectativas e vivências relacionadas ao conteúdo, mas também se descobrir e se redescobrir enquanto educador/mediador dos processos artísticos no ambiente escolar.

Ao iniciar uma *experiência* nas aulas de Arte, o educador pode dialogar com os educandos, procurar saber as suas expectativas e relacionar os temas com o cotidiano social, dos educandos. Ao se observar os olhares, as falas, os gestos e as expressões, o educador pode criar aulas que aproximam os educandos dos conteúdos de Arte. Segundo Maturana (2009), as relações sociais só ocorrem quando há o desejo e a aceitação mútua para a realização de algo. E se a princípio, os estudantes parecem não entender os motivos e os significados de obras artísticas apresentadas a eles? O *entendimento* é condição para o aprendizado em Arte? Nem sempre. Aos poucos, os caminhos são traçados e as desconfianças dão lugar ao novo. Podem dar lugar às descobertas quando se reconhecem sujeitos participantes do aprendizado e quando, por exemplo, relacionam o conteúdo com parte do seu cotidiano. Os educandos se tornam confiantes e abertos às novas descobertas. Para Barbosa (1991),

A arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. Construímos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais (BARBOSA, 1991, p.19).

O estudo dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres, iniciou-se com o diálogo sobre algumas imagens em Power Point dos artistas, conforme nos mostra a

imagem (Fig. 1). Era visível a curiosidade dos estudantes para saberem um pouco mais sobre aqueles artistas. Contou-se um pouco sobre a vida e obra dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres, de onde vinham e sobre o trabalho desenvolvido na comunidade de Brumadinho/MG, no Centro de Arte Contemporânea Inhotim. O trabalho consistia em desenvolver objetos que dialogavam com o cotidiano cultural da comunidade. A educadora contou-lhes também, como havia conhecido os artistas e como tinha participado como estagiária dos trabalhos desenvolvidos no Centro de Arte Contemporânea Inhotim, intitulado *Abre a Porta, 2006, tinta automotiva sobre fibra de vidro*, conforme a imagem (Fig. 1). Tal trabalho tinha como objetivo aproximar a cultura popular, a comunidade de Brumadinho ao Centro de Arte Contemporânea Inhotim. Favaretto (2010), ressalta a importância da ampliação da *experiência* estética a partir do estudo de artistas. O trabalho dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres são pensados a partir dos contextos sociais e culturais dos lugares onde visitam. Os artistas convivem, dialogam e participam de festividades relacionadas à cultura local, para então desenvolverem suas obras expressivas, com aspectos do cotidiano e das culturas das cidades por onde passam.



**Fig. 1.** Trabalho dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres, no Centro de Arte Contemporânea Inhotim, Intitulado “Abre a Porta, 2006.

**Fonte:** Internet: <http://inhotim/arte-contemporanea/obras-a-porta/>

O relato da *experiência* da educadora com os artistas, permitiu uma aproximação dos estudantes com os artistas e suas obras. Entende-se que a educação auxilia os estudantes, no estímulo ao uso da imaginação cognitiva de mundo e do universo que os cerca. E este estímulo, utiliza-se do livre exercício da curiosidade, do aprendizado investigativo e da faculdade criativa e mais viva. Que conduz e desperta o aprendizado cognitivo, Morin, (2003).

Logo após as imagens no Power point das obras dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres, foi passado um vídeo sobre os artistas. O vídeo mostrou a participação dos artistas nas festividades religiosas do Congado, nas danças típicas afrodescendentes, nas festas de forró nas praças, na rodoviária, no dia-a-dia da comunidade de Brumadinho/MG e no extinto quilombo de Brumadinho. No vídeo também foi mostrado a criação das obras, que foram produzidas junto com a comunidade de Brumadinho/MG e expostas na galeria de Arte da no Centro de Arte

Contemporânea Inhotim.

O contato com as imagens, o vídeo, as obras de Arte que valorizam a cultura local, as histórias contadas pelo professor de como conheceu os artistas e as conversas despertaram nos alunos o interesse pelos artistas e pelas atividades práticas.

Durante o vídeo, os estudantes comentaram de forma negativa, sobre as manifestações que se referiam a Folia de Reis e do Congado: – *Professora! Isso é coisa do capeta! Não gosto de macumba.* Ao perceber o preconceito inicial, logo a educadora entrevistou, explicando as origens das manifestações e como elas faziam parte da nossa cultura. Os estudantes da escola vivem em uma região carente onde a maior parte são negros e mulatos que na sua grande maioria frequentam as igrejas evangélicas da região. Nas falas vindas dos educandos, tem-se percebido que a igreja é contra a participação de membros em vários movimentos culturais religiosos. Constantemente se escuta: - *Tá amarrado! Professora! É coisa do capeta!*

O preconceito foi diminuindo quando os estudantes perceberam que o professor se referia a cultura africana como sendo de pertencimento da cultura brasileira. Pode-se perceber pelo relato da experiência acima, o quanto os educadores ainda são referências para os estudantes, o quanto têm a responsabilidade no processo da construção da identidade cultural. O Ensino da Arte tem papel primordial na condução da expressão e na valorização da cultura regional. Entendendo-se que “Isto não significa a defesa de guetos culturais, nem de excluir cultura erudita das classes baixas” (BARBOSA, 1998, p.15).

Além das longas e calorosas conversas sobre as obras dos artistas Jonh Ahearn e Rigoberto Torres, o vídeo proporcionou entusiasmo nos educandos, quando foi mostrado os artistas elaborando as obras de Arte. Houve bastante entusiasmo principalmente quando os estudantes souberam que iriam fazer a experimentação das máscaras com atadura gessada nas aulas de Arte. – *Professora! Vamos fazer assim?* O espanto, e ao mesmo tempo o entusiasmo, tomavam conta dos olhares atentos dos educandos que queriam experimentar a obra demonstrada no vídeo. A modelagem em atadura gessada foi escolhida pela proximidade com o trabalho desenvolvido pelos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres. A ideia era aproximar os educandos dos contextos das obras de Arte e criar novas formas o trabalho plástico dos artistas.

A primeira aula sobre a utilização da técnica em atadura gessada, foi repleta de perguntas que se referiam à segurança do material. Os estudantes queriam ter a certeza que era seguro, já que iriam colocar no rosto. Enfatizou-se o respeito e a confiança no outro. A primeira máscara foi produzida pela educadora que ia explicando passo a passo o manuseio do material. A imagem (Fig. 2), mostra alunos atentos aos processos de construção da máscara.



Fig. 2. Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7ºano de ensino.

Fonte: Arquivo do autor.

Percebeu-se ao longo do processo, que os laços de afetividade e confiança foram construídos no percurso das aulas. Aos poucos os educandos foram se organizando com uma lista das pessoas que iriam fazer as máscaras, com a arrumação das cadeiras para produzirem e a arrumação final da sala. Arrumavam a sala antes do professor chegar, ficavam na porta do corredor para pegar os materiais (já que a escola não possui sala de Arte) e ao final das aulas, limpavam todos os restos de gesso espalhados na sala.

A atividade não foi obrigatória, os educandos tinham liberdade de não fazer a *experiência*. Contudo, a grande maioria participou de todos os processos: o corte da atadura gessada, a aplicação da atadura no rosto do colega ou quando participava da modelagem no rosto. Percebeu-se uma proximidade maior entre educador/educando, educando/educando. Os educandos gostavam das sensações que o gesso produzia ao tocar no rosto, sentiam-se acariciados com o contato do outro. A maior parte dos estudantes são carentes de afetividade e possuem problemas sociais e afetivos.

Para Dewey (2010), a experiência é pragmática<sup>2</sup>, requer uma ação interna que conduz a outras ações. No caminho para a *experiência* “Há pausas, lugares de descanso, mas elas pontuam e definem a qualidade do movimento” (DEWEY,2010, p.). Larrosa (2002), afirma que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer para pensar, parar para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 19).

2 O movimento filosófico do pragmatismo, nasceu nos Estados Unidos e foi trazido para o Brasil por Anísio Teixeira, no movimento da Escola Nova. O movimento pragmático, se constituía no aprendizado a partir de uma ação experienciada. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Tc-vEXvg1I>> Publicado em 19 de julho de 2010. Acesso: 08/08/2017

Em depoimento, a aluna Isadora<sup>3</sup> do 9ºano, relatou que produziu nas férias as máscaras com a família. A aluna Priscila<sup>4</sup> do 7ºano comentou que iria colocar a máscara na sala da sua casa. Criou-se um envolvimento com a experimentação feita em sala, os alunos envolveram-se com a atividade e fizeram com que as famílias participassem da atividade. A aluna Safira<sup>5</sup>, do 7ºano, em depoimento fala da sua satisfação com aulas de Arte de como as aulas acrescentavam para seu aprendizado. Em depoimento a aluna Maira<sup>6</sup> do 7ºano diz: - *Você foi uma das únicas professoras que tipo, fez projeto legal com a gente, por causa que as professoras só ensinam, e você é uma das únicas e põem em prática. Você vai lá, na informática, põem vídeo pra gente ver como é que é, põem no quadro e ainda coloca a gente para fazer um projeto parecido.* As falas, as reações e demonstrações de envolvimento pelos educandos, tem auxiliado a educadora nos caminhos percorridos para o aprendizado nas aulas de Arte, na E.M Josefina de Sousa Lima. A imagem (Fig. 3) mostra alguns dos resultados experienciados nas aulas de Arte. Ao retirar as máscaras do rosto dos estudantes eles vibravam, soltavam um - “Oooo” sonoro, – *Doido demais* ou - *Gostei muito de aprender.* Ficavam minutos observando e procurando elementos de identificação com o rosto do estudante que foi modelado, conforme mostra a imagem (Fig. 3).



Fig. 3. Modelagem em atadura gessada com os estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima.

Fonte: arquivo pessoal

A experimentação ainda está em processo de finalização. Os estudantes vão criar croquis a partir das reflexões construídas em sala, para então pintarem as máscaras com pincel e tinta guache. Ao findar, vamos expor as máscaras na feira de cultura anual da escola. Neste processo, entende-se que *a experiência* estética só ocorre quando há um movimento de unificação dos processos que são vivenciados em sala. Para Barbosa (1998), “Toda atividade prática adquirirá qualidade estética sempre

3 O nome da estudante foi preservado.

4 O nome da estudante foi preservado.

5 O nome da estudante foi preservado.

6 O nome da estudante foi preservado.



que seja integrada e se mova por seus próprios ditames em direção à culminância” (BARBOSA, 1998, p.22).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais tem-se visto a importância de se investir nas pesquisas que auxiliam o educador, nos caminhos para se chegar *experiências* artísticas que tenham sentido para o educando. O educador quando tem acesso aos registros das *experiências* compartilhadas por outros educadores, conseguem perceber uma relação de proximidade com a realidade que o cerca.

A *experiência* no campo da Arte, é imprescindível para a construção do saber artístico nas aulas de Arte. Através da *experiência* artística, o educando cria processos de aprendizado de forma à caminhar com o educador na busca dos saberes que a Arte pode proporcionar. A experiência é fundamental para o processo de ensino e torna rico o aprendizado que leva um saber mais significativo, singular e humano.

Diante das reflexões expostas, pode-se concluir que *experiência* artística, é única, intransferível e requer um olhar diferenciado para a diversidade existente. E o educador como sujeito mediador do processo de ensino, ressignifica- o nos contextos sociais comunicado pelos educandos, nos inúmeros caminhos da educação imagética na Arte.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1991, p.15,22,.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**, Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes).

FAVORETTO, Celso, F. **Arte Contemporânea e Educação**. Revista Iberoamericana de Educacion, São Paulo, nº53, p.225- 235, 2010.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LARROSA, Jorge. **Sobre a lição: linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCONDES, Marina, Machado. **O Diário de Bordo como ferramenta fenomenológica**

**para o pesquisador em artes cênicas.** São Paulo, v.2, p.260- 263, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57101/60089>. Acesso em: 31/05/2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

MORIN, Edgar. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana/** elaborado para a Unesco por Edgar Morin, Emilio Roger Ciurana, Raúl Domingo Motta; tradução Sandra trabuco Valenzuela; revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PIMENTEL, Lúcia, Gouvêa. **Cognição imaginativa.** Revista de pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, UFMG. Disponível em: < <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118/93>> Acesso em: 31/06/2017.

TOMASELLO, Michael, **Origens Culturais da Aquisição do conhecimento Humano.** São Paulo, 2003, Editora Martins Fontes. p. 07.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-15-4

